

## **CAMPONESES RESILIENTES DA COMUNIDADE BRILHANTE TUPACIGUARA-MG: Entre a produção de alimentos e o agronegócio sucroalcooleiro**

Ricardo da Silva Costa<sup>1</sup>  
Rosselvelt José Santos<sup>2</sup>

### **Resumo**

O trabalho empírico foi desenvolvido na comunidade rural do Brilhante, grupo localizado no município de Tupaciguara no estado de Minas Gerais. Na realização da pesquisa utilizamos os recursos técnicos do Laboratório de Geografia Cultural, bem como o acervo da biblioteca da Universidade Federal de Uberlândia. Nesses espaços procuramos suprir as necessidades teóricas e metodológicas. No campo fomos aos lugares vividos dos pesquisados e procuramos observar as transformações, socioespaciais e das paisagens, comparativamente com a teoria. Analisamos a resiliência dos pequenos agricultores produtores de alimentos, os quais encontram-se com os seus territórios cerceados pelas grandes lavouras de cana-de-açúcar e interesses dos capitais que as financiam. Buscamos nos instruir sobre sujeitos sociais, relações sociais estabelecidas, estratégias de existência territorial, costumes, hábitos e saberes. Analisamos os projetos de vida daqueles camponeses, analisando como agem e reagem em relação às tensões decorrentes da expansão das grandes lavouras de cana.

Palavras-chave: Resiliência, Território, Paisagem.

### **Introdução**

O texto tem como origem a pesquisa realizada para atender aos objetivos de projetos vinculados ao laboratório de Geografia Cultural da Universidade Federal de Uberlândia. O trabalho empírico foi desenvolvido na comunidade rural do Brilhante, grupo social localizado no município de Tupaciguara (mapa 01). O município situa-se na mesorregião do Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba no estado de Minas Gerais, Brasil.

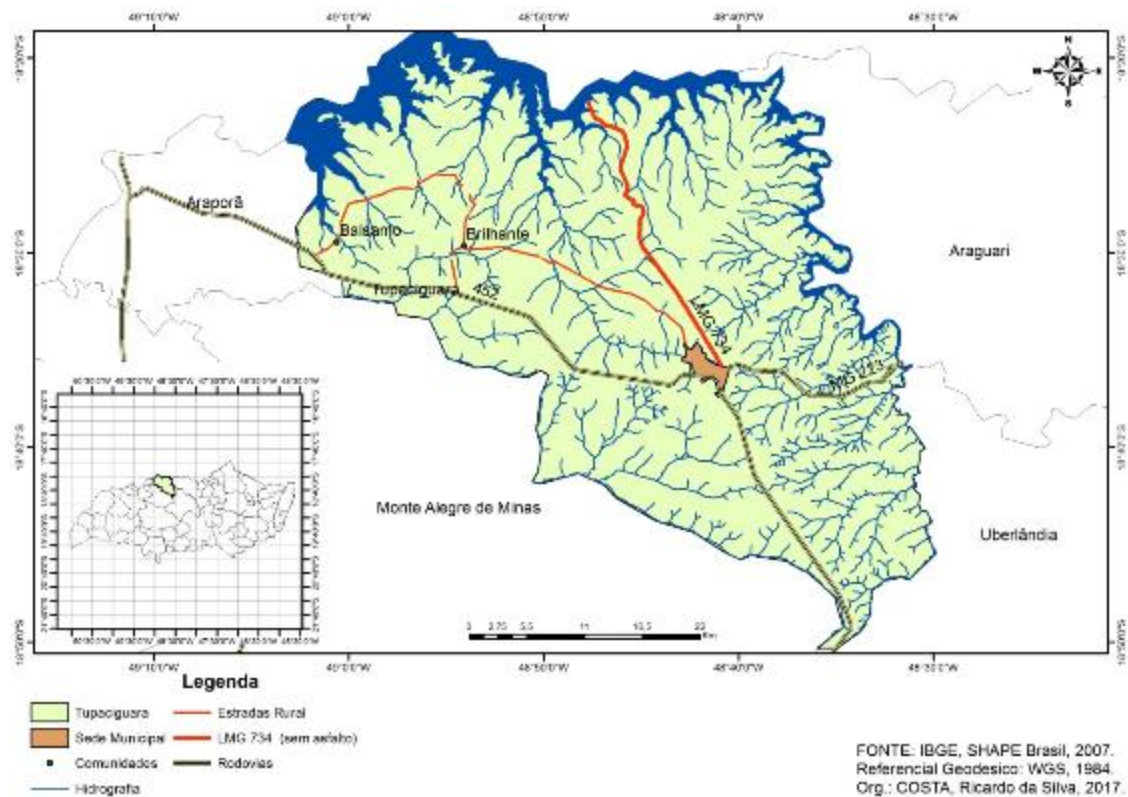
Tupaciguara possui uma área total de 1.823,96 km<sup>2</sup> o que equivale á 182.396 hectares, devido o tamanho da área e a disponibilidade hídrica (como se pode observar no mapa 01), constituem-se em importantes fatores para que o município tornasse “alvo” do avanço do setor sucroalcooleiro.

---

<sup>1</sup> Universidade Federal de Uberlândia (UFU) - Bolsista Capes. Aluno do programa de pós-graduação do Instituto de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia nível doutorado. E-mail: ricardo-geo@live.com

<sup>2</sup> Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Professor titular, bolsista de produtividade do CNPq, orientador permanente do Programa de Pós-Graduação do Instituto de Geografia, nível Mestrado e Doutorado. Pesquisador do CNPq, FAPEMIG, CAPES e UFU. E-mail: rosselvelt@ufu.br

Mapa 01 – localização da área de estudo.



Neste texto, estabelecemos como recorte temporal a década 2000. Foi a partir de meados daquela década, que começaram, ao mesmo tempo, a serem testados motores movidos a álcool e gasolina (tecnologia flex ou bicombustível). Neste contexto de invenções tecnológicas que o Brasil começou a investir (ou retornar os investimentos) nos setores de biocombustíveis, no caso nacional, para a produção, novamente, de cana-de-açúcar.

É também nesta conjuntura que as indústrias de processamento de cana-de-açúcar se instalaram em quase todo o território nacional. Na região do Triângulo Mineiro, as usinas sucroalcooleira/sucroenergéticas, culminaram, neste momento (2017), com a inclusão na paisagem da monocultura da cana-de-açúcar, a qual tem avançado sobre o espaço rural afetando, inclusive camponeses que vivem nas veredas do Cerrado.

O agronegócio relacionado à produção de álcool e açúcar avança sob essas áreas em busca de recursos hídricos, ameaçando o território dos antigos camponeses, inclusive com o detrimento de suas propriedades, originando desterritorialização do trabalho, da *experiência* social e cultural. A partir dos dados do quadro 01, tem-se o quantitativo das usinas.

Quadro 01: Relação das usinas sucroalcooleiras cadastradas no ano de 2017 na região do Triângulo Mineiro

Município	Nome de fantasia	Razão social	Produção Safra
Araporã	Araporã	Araporã bioenergia S/A	Mista
Campo Florido	Coruripe	S.A usina coruripe açúcar e álcool	Mista
Canápolis	Damfi	Damfi - destilaria Antônio Monti	Etanol
Carneirinho	Coruripe	S.A usina Coruripe açúcar e álcool	Açúcar
Chaveslândia/Santa Vitoria	Companhia energética vale do	Companhia energética vale do são	Mista
Conceição das Alagoas	Delta - unid. Volta grande	Usina Delta S/A	Mista
Conquista	Delta - unidade Conquista	Usina Delta S. A.	Mista
Delta	Delta - unid. Delta	Usina Delta Sa	Mista
Frutal	Usina Frutal açúcar e álcool	Usina Frutal açúcar e álcool Ltda	Mista
Frutal	Cerradão	Usina Cerradão Ltda	Mista
Itapagipe	Usina Itapagipe açúcar e álcool	Usina Itapagipe açúcar e álcool Ltda	Mista
Ituiutaba	Bp Ituiutaba	Bp bioenergia Ituiutaba Ltda	Mista
Iturama	Coruripe	S.A usina Coruripe açúcar e álcool	Mista
Limeira do Oeste	Coruripe - filial limeira do oeste	S.A. usina Coruripe açúcar e álcool	Etanol
Limeira do Oeste	Cabrera energética	Central energética açúcar e álcool	Etanol
Pirajuba	Santo Ângelo	Usina Santo Ângelo Ltda	Mista
Santa Juliana	Agroindustrial Santa Juliana	Agroindustrial Santa Juliana Ltda.	Mista
Santa Vitória	Santa Vitória açúcar e álcool Ltda.	Santa Vitória açúcar e álcool Ltda.	Etanol
Tupaciguara	Aroeira	Bioenergética Aroeira S/A	Etanol
Tupaciguara	Destilaria Cachoeira	Destilaria Cachoeira Ltda.	Etanol
Uberaba	Vale do Tijuco açúcar e álcool S.A	Vale do Tijuco açúcar e álcool S.A	Mista
Uberaba	Uberaba	Usina Uberaba S/A	Etanol

Fonte: Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, 2017. Orgs.: COSTA, R.S. SANTOS, R.J, 2017.

Essa quantidade de 22 usinas sucroalcooleiras instaladas em 16 municípios da região do Triângulo Mineiro foi possível devido à implementação de políticas de favorecimento para o setor sucroenergético, como por exemplo, a isenção de alguns impostos, financiamentos de máquinas e equipamentos, créditos subsidiados, dentre outros. De acordo com os dados apresentados no quadro 01, identifica-se em Tupaciguara 2 usinas sucroalcooleiras. Além de abrigar as duas usinas o município acolhe lavouras que suprem parte das demandas de uma terceira usina, a qual está localizada em Araporã.

Segundo dados do IBGE 2015, Tupaciguara possui 11.133 hectares cultivadas com cana-de-açúcar. O cultivo dessas grandes lavouras é lastreado pela lógica capitalista, a qual chega aos lugares, adentrando de modo rápido e intenso, na vida das comunidades rurais e dos seus membros. As paisagens homogêneas e empoeiradas, o tráfego de enormes caminhões, as queimadas e o uso intimidante de inovações técnicas e científicas são algumas das manifestações das forças sociais implicadas nas metamorfoses socioespaciais.

Elas também geram expectativas de lucro para os usineiros, ao mesmo tempo em que suscitam desconforto para as pessoas que vivem nas comunidades e veredas cercadas pelas grandes lavouras.

Apesar disso, neste texto, delimitamos nossa área de estudo a partir da comunidade rural denominada Brilhante<sup>3</sup> (mapa 01). Brilhante dista 28 quilômetros da sede do município. Destacamos essa área, pois, identificamos várias estratégias socioprodutivos realizadas pelos camponeses para continuarem cultivando alimentos e seus meios de vida.

Na realização da pesquisa utilizamos os recursos técnicos do Laboratório de Geografia Cultural, bem como o acervo da biblioteca da Universidade Federal de Uberlândia. Nesses espaços procuramos suprir as necessidades teóricas e metodológicas decorrentes da problemática de pesquisa.

No campo fomos aos lugares vividos dos pesquisados e procuramos observar, descrever e analisar as transformações, socioespaciais implicadas nas paisagens. Analisamos a resiliência dos camponeses produtores de alimentos, os quais encontram-se com os seus territórios cercados pelas grandes lavouras de cana-de-açúcar e interesses dos capitais que as financiam. O desafio é pensar a resiliência do camponês em face da aceleração dos processos

---

<sup>3</sup> Segundo documentos da prefeitura Municipal de Tupaciguara a comunidade tem esse topônimo devido a um boi carreiro, tido em alta estima por seu dono, morto naquela localidade, enquanto transportava carga.

aludidos nas mutações socioeconômica e das paisagens, além das inúmeras adaptações pelas quais eles têm passado para continuarem vivendo nos lugares e se reinventando a partir dos seus modos de vida.

### **Modo de vida dos camponeses do Brilhante**

Nos trabalhos de campo percebemos que seria de extrema importância partir da abordagem dos modos de vida para compreender a resiliência. Identificamos que os camponeses que vivem na comunidade Brilhante devolvem/mantêm suas tradições religiosas, incluindo trabalhos espontâneos, baseados no mutirão. Trata-se de modos de ser bastante rico que vai além de atender necessidades somente produtivas.

Assim no contato com os lugares de vida foi importante compreendermos o modo como os camponeses conduzem a vida, pois, nos indicou a acuidade do trabalho em grupo, as formas de solidariedade, mutualismo e reciprocidade entre os membros da comunidade. A terra trabalhada, cultivada e em produção, como centralidade da vida camponesa, foi evocada, quando eles, a partir das suas falas, associaram seus sítios como um aspecto diretamente relacionado com a vida, com seus valores humanos e modo de vida. Os camponeses definem a terra como componente fundamental do jeito de se viver, sendo que nos projetos das famílias ela não é concebida como investimento ou mera mercadoria.

No campo, acompanhamos os camponeses por um período de dois anos. A partir das nossas incursões na comunidade fomos observando que os cultivos de soja, milho, feijão, cachaça, mandioca, algodão, banana, abacaxi, leite e derivados tinham sofrido algum tipo de interferência das lavouras de cana-de-açúcar, pois o arrendamento para as usinas tinha, na primeira década do século XXI, se tornado, economicamente, mais vantajoso. Contudo, observava-se nas paisagens a prática da pecuária leiteira e de corte, além de pequenos roçados de mandioca, abacaxi, e fabrico de cachaça. Nas proximidades das casas observávamos também as hortas e pomares.

O recurso hídrico mais importante para a comunidade é o Córrego Grande. É dele que os criadores de gado se utilizam para dessedentar o seu rebanho. Contudo, os membros da comunidade não vivem apenas de criar gado e comercializar leite. Nelas existem aqueles que cultivam mandioca e as transformam em derivados. Apesar das dificuldades encontradas, no entanto, os camponeses que continuam transformando a mandioca para obter polvilho e

farinha, têm continuado a desenvolver essas atividades, promovendo a diversificação de renda e do trabalho familiar.

Em suas atividades, além de produzirem a sua comida, transformam parte de seus roçados em artigos para atender as demandas do comércio local e regional.

Algumas vezes tais atividades têm sido conduzidas com a participação e orientações dos mais velhos que são referências locais na fabricação de polvilho, farinha, queijo, requeijão e doce de leite. Assim, para os camponeses, as pessoas mais antigas, mais sabidas, são as responsáveis pela transmissão de saberes e acioná-las na obtenção de seus artigos agropecuários torna-se um trunfo para eles. No atendimento das suas necessidades por áreas, os mais velhos também são incluídos nas relações de negociações com o dono de terra ou mesmo nas relações de troca.

### **A resiliência camponesa**

Experientes em decifrar os processos associados ao avanço do setor sucroalcooleiro, os camponeses percebem que as terras planas e de maior fertilidade serão as que vão despertar os maiores interesses das grandes usinas. O que acarreta grandes mudanças no preço do arrendamento e redução de áreas para criação de bovinos. Como já comentado, propicia inúmeros desafios aos camponeses em continuar produzindo alimentos e seus meios de vida.

Entendemos como produção dos meios de vida, a capacidade do camponês produzir a vida em suas várias dimensões, pois não se atêm a receber e atender necessidades somente do campo material, por exemplo, de produzir somente para o mercado. Na lógica camponesa a produção dos meios de vida também considera a (re)invenção da sua própria campesinidade, isto é: do mutualismo, da sociabilidade e reciprocidade entre vizinhos. Ela é um meio de criar e/ou ampliar as redes de relações sociais e afetivas que se estabelecem entre as famílias, relações estas que são fundamentais no processo de afirmação do modo de vida no território.

Participar de trabalhos coletivos de um mutirão de limpeza de pasto ou da construção de uma festa ou de uma procissão, ou ainda praticar a troca de serviços, são práticas sociais que ampliam a criação de acordos tácitos, geralmente referenciados nas formas de reciprocidades e sociabilidades criadas e legitimadas pelo grupo. Elas são essenciais para o processo de existência social daqueles camponeses.

Destarte, as sociabilidades camponesas acabam compondo um tema importante no estudo do modo de vida, sendo o ponto central para análise dos camponeses da comunidade Brilhante. Acoplado ao termo discutiremos a resiliência tendo por base a ideia de articular o processo de formação ou reafirmação do território dos camponeses da comunidade Brilhante diante aos avanços dos grandes canaviais.

Preocupadas em produzirem a sua própria comida, às famílias cultivam em seus quintais hortaliças, pomares, mandioca, milho e algumas árvores frutíferas, como mangueiras, goiabeiras e bananeiras. Os vários gêneros alimentícios compõem a paisagem do entorno das moradias, contribuindo para o sustento das pessoas e em certa medida, promovem formas de autonomia alimentar.

Ainda como forma de minorar determinadas limitações encontradas no processo de implementação das grandes lavouras descobrimos várias estratégias camponesas. Elas envolvem os pequenos agricultores e criadores de gado leiteiro. Na comunidade elas aparecem como táticas de associativismos e parcerias. Todas são estimuladas pelas necessidades de diversificar as atividades, sendo possível verificar nessas ações, iniciativas de cultivar e transformar a mandioca a partir de grupos de trabalho. Segundo entrevistado:

Aqui nois apruveita o que de, quando descasca a mandioca nois junta a casaca no latão para misturar com o resto de comida pra tratar dos porco....a massa da mandioca que sobra depois de tritura e passa ela na peneira nois usa pra da pros porco, mas eles não gostam muito não e nois joga para as galinhas elas sim gostam muito<sup>4</sup>.

Todavia, elas não se limitam a usar a mandioca apenas para produzir um ou dois produtos. A mandioca deixa as cascas e outros resíduos que podem ampliar as condições de se obter a produção dos meios de vida. A criação de galinhas e porcos atende as necessidades de diversificar a produção. Nessa lógica de aproveitar tudo da mandioca também considera a (re) criação da fartura camponesa e da sociabilidade.

Ter animais, ter como alimentar esses animais e no abate torna-se um doador de carnes, por exemplo, pode ser um meio de criar e/ou ampliar as redes de relações sociais e afetuosas que precisam ser revigoradas entre as famílias. Neste sentido, as inclusões de vizinhança, amizade são fundamentais no processo de estabelecimento e fortalecimento dos seus modos de viver no lugar.

---

<sup>4</sup> Entrevista obtida na comunidade Brilhante em 2015

Outro aspecto relevante é a capacidade de lidarem com as limitações técnicas para embalar e armazenar os seus artigos agropecuários. Antigamente, farinha e polvilho eram armazenados e comercializados em latas de 20 litros ou 18 quilos. Essa situação tem levado os camponeses a resolver algumas carências técnicas e estruturais, na busca de alternativas que supõem estarem presentes nas redes sociais. Nelas buscam a ampliação de seus conhecimentos técnicos, obtendo informações que lhes habilitam a inserirem embalagens plásticas, higiênicas à sua produção, disponíveis no mercado e que atendem as demandas dos consumidores.

Neste processo qualificam os seus artigos agropecuários de forma autônoma. Essa é uma característica importante daqueles camponeses, pois não se encontra disponível no lugar assistência técnica fornecida por organizações e/ou instituições locais. Essas ações se sucedem na redefinição das suas relações com os consumidores, os quais exigem procedimentos técnicos que melhorem a qualidade dos produtos. Assim, as possibilidades do camponês conquistar o mercado e de garantir a reprodução social da família vêm sendo construída na relação com o lugar e com aquilo que vem de fora dele.

De certo modo, esses arranjos dos camponeses de promover a higienização e padronização dos processos de fabrico da farinha e do polvilho geram e sustentam projetos de vida que vão agir nos seus sistemas produtivos, podendo indicar como esses camponeses vão proceder no grupo, redefinindo/justificando as suas escolhas. No caso das embalagens decorrentes de ações pensadas e programadas dentro das alternativas e dos recursos existentes no mercado e acessadas a partir das redes sociais, o ganho em agilidade e receptividade dos seus artigos entre os consumidores é notável. Nesta perspectiva, compreende-se que o núcleo familiar age a partir dos contextos em que vivem.

Contudo, como são camponeses que precisam de áreas para cultivar os seus mandiocais, o jeito é recorrer aos seus vizinhos, donos de terra. Assim, o propósito de diminuir as vulnerabilidades a que os membros estão sujeitos pode ser construído a partir das suas capacidades de obter acesso a terra sem ter que pagar renda da terra semelhante àquela que são cobradas junto aos fornecedores de cana as usinas.

As experiências em produzir farinha e polvilho a partir da mandioca lhes assegura que produzam os resultados desejados. Para o dono de terra isso funciona como um elemento afiador. Porém, nesta relação de arrendamento um aspecto importante a ser considerado nesse processo de criar ou mesmo recriar estratégias para desenvolverem suas atividades



produtivas usando terras dos vizinhos é que em alguns casos, principalmente, nas áreas onde as condições de se promover parcerias, as vizinhanças são vinculadas ao território a partir das instituições tradicionais, principalmente a igreja católica. Segundo entrevistado:

A...eu não alugo minha terra para cana não esse povo (canavieiros) não respeita nada oia aqui vê essa arvore se eu alugo minha terrinha para a cana o povo ranca e enterra e foi meu fi que planto não dá pra aluga pra eles ai eu prefiro ganha menos mais alugo pra gente nossa aqui da comunidade, quaque problema eu encontro ele na casa dele ou na igreja e falo aquilo que ocê fez não ta bão ai ele arruma...so alugo ou faço parceria só pra gente conhecida<sup>5</sup>.

Apesar de tal identidade contar a favor das parcerias, a implantação dessas alternativas de cessão da terra encontra suas limitações no próprio grupo. Trata-se de decisões que são tomadas pelos camponeses em promover com o proprietário de terras iniciativas de estabelecer o valor do arrendamento a partir de um quantitativo em produto. Para os agricultores, o dono de terra precisa ser do lugar, ter construído relações de pertencimentos com e na comunidade. Sendo do lugar, uns conhecem os outros e as parcerias se sustentam nos interesses comuns e no fato dos agricultores disporem de reconhecida habilidade, experiência e conhecimento na obtenção dos derivados da mandioca. Essas prerrogativas, quando atendidas, podem ser usadas como elementos de diálogo e negociação na fluidez dos acordos. Segundo entrevistado:

Quando nois negocia com gente conhecida fica mais fácil e porque a gente sabe o que o outro sabe ou não fazer e se o cara tem palavra...oia eu tem o mandiocai ai o sujeito (não citamos o nome verdadeiro) que a gente tem costume de mexer sabe que quando ta na hora de faze o polvilho ele vem com os fi dele e arranca o que precisa mas já vai plantando de novo, assim sempre tem mandioca e eu nem fico de cima confio neles<sup>6</sup>.

Nesse sentido, geralmente, os camponeses que detêm habilidades no fabrico do polvilho e da farinha de mandioca têm procurado investir nas relações de parceria com os outros camponeses que dispõem de áreas para serem cultivadas. Nestas atividades, além das habilidades necessárias para fazer polvilho, eles também desenvolvem algum tipo de conhecimento do mercado, o que lhes permitem na negociação de valores estabelecerem limites à remuneração da terra.

Creditam aos resultados das parcerias esse papel de fomentar segurança aos acordos e de não deixá-los vulneráveis a manutenção da família. Em verdade, a negociação, versa sobre

<sup>5</sup> Entrevista obtida na comunidade Brilhante em 2015.

<sup>6</sup> Entrevista obtida na comunidade Brilhante em 2015.

uma atividade política importante para aqueles que não têm terra e mão de obra suficiente para cultivar os seus mandiocais e que não possuem outras fontes de renda fora da agricultura.

A partir desse quadro de vida, estudar a resiliência camponesa indica inúmeras complexidades. Além disso, elas são amplas e se apresentam dentro de questionamentos e desafios quando pensadas a partir do contexto da expansão canavieira presente em Tupaciguara. Segundo Mendonça (2011) resiliência

Trata-se de um conceito relacionado à adaptação e consiste em variações individuais e/ou em resposta aos fatores de risco, e refere-se, em geral, à capacidade de um ambiente, ou sociedade, de voltar às condições anteriores após ser impactada/vitimada por um evento de caráter extremo (natural ou social/tecnológico hazard). (MENDONÇA, 2011, p.114)

Pensando na questão do evento de caráter extremo, natural ou social/tecnológico, ele comparece na área de estudo como a diminuição de área de cultivo ou mesmo na escassez de áreas férteis e úmidas (caráter natural) e a falta de emprego<sup>7</sup> (social/tecnológico). Quando a capacidade de voltar às condições anteriores, de ter acesso as áreas úmidas e férteis do cerrado é preciso questionar/problematizar sobre as saídas encontradas pelos camponeses.

A problematização se justifica na medida em que os camponeses continuam na comunidade. A despeito de terem de lidar com a falta de área para continuar produzindo (leite, hortaliças, etc.) as suas permanências indicam capacidades e habilidades que precisam ser explicitadas.

O nosso ponto de partida é considerar que eles vivem tensões socioterritoriais a partir do lugar vivido, as quais lhes imputam infortúnios, no entanto, não foram eliminados e de certo modo conseguiram continuar existindo e produzindo vários artigos agropecuários, mesmo em menor área. Segundo Polleto & Koller, (2006) o resiliente:

[...] são pessoas que lidam no seu cotidiano com adversidades, mas que contam com a proteção e os recursos de seu ambiente e suas próprias potencialidades para seguir suas trajetórias de vida. Pessoas que crescem, amadurecem e aprendem, principalmente por suas capacidades e características positivas do que pelas suas limitações [...] (POLLETO; KOLLER, 2006, p.21).

Raciocinando comparativamente entre a realidade dos camponeses do Brilhante e aquilo que foi analisado por Polleto & Koller, tem-se o fato deles estarem vivendo várias desventuras. Na fabricação de polvilho, por exemplo, a comunidade passa a ter cada vez

---

<sup>7</sup> A questão relacionada ao emprego na comunidade é bem complexa, pois o emprego gerado com a inserção dos canaviais é suprido por pessoas de fora da comunidade, já que estas vagas de trabalho exige certas especializações como ser mecânico de máquinas pesadas, carteira de motoristas entre outros. O que não engloba a maioria das pessoas da comunidade.

menos área para o cultivo da mandioca e cada vez menos mãos de obra para fabricar o empoo. Contudo, como forma de continuar a produção, os camponeses ampliam e sofisticas as suas parcerias.

No mesmo feito que os arrolamentos sociais entre eles propiciam a reciprocidade entre camponeses, a tática social imediata que tem sido acionada nesse contexto de pouca terra é o estabelecimento de acordos com os donos de terra. São esquemas de trocas que apresentam vários sentidos e objetivos. Conseguir áreas para o cultivo da mandioca propicia meios para melhorar as condições no processo de gerar renda e trabalho para os membros da família. Também conseguem reduzir os custos com transportes e melhorar alguns aspectos das condições socioterritoriais decorrentes da expansão das lavouras de cana, freando, por exemplo, o arrendamento de áreas no entorno da vila.

Ainda no âmbito das parcerias, temos aquelas realizadas pelos camponeses da comunidade. Algumas consistem na divisão de tarefas. Geralmente os acordos são estabelecidos tendo como principio a divisão de tarefas. No caso da mandioca, aqueles que têm maior habilidade com o cultivo das manivas ficam com o cultivo e os outros com fabricação do polvilho. A produção do polvilho é totalmente artesanal. Segundo o camponês:

Eu pego a mandioca com o Zé<sup>8</sup>, levo meus filhos e nois arranca a mandioca, o tanto que nois vai usa... ai vai rancando e outro já vai jogando as ramas na cova....quando acaba de arrancar nois leva pra casa (na comunidade Brilhante) chegando em casa ai e serviço das muie .... descascam e lava toda a mandioca ai nois vorta pra tritura as mandioca...vira uma massa...nois lava essa massa para não azedá o porvio....depois de lavado a massa vai para o giral e fica de cedo até o comecinho da noite, não pode pegá cereno ai nois repete isso por uma semana... depois que a massa ta cequinha as muie passa na peneira para deixa o porvio fininho ai e so ensacar<sup>9</sup>.

Percebemos na fala do camponês que para se produzir o polvilho demanda bastante trabalho, tempo e habilidades. Todavia, os arranjos não se limitam a atender necessidades somente relacionadas à divisão social do trabalho. Participar da colheita e do transporte exige maior força física e liberação dos membros dos demais compromissos familiares, sendo socialmente aceitável que o trabalho seja desempenhado pelos homens do grupo.

Quanto às mulheres, elas desenvolvem atividades relacionadas à fabricação do polvilho, efetivado próximo ao lugar de moradia, pois elas continuam cuidando da casa, dos filhos e dos maridos. Assim, tais divisões das atividades fazem parte da criação dessa

<sup>8</sup> Não é o nome verdadeiro, alterado devido a normas do comitê de ética.

<sup>9</sup> Entrevista obtida na comunidade Brilhante em 2015.

sociabilidade camponesa que se fundamenta nas suas lógicas e temporalidades sociais; sendo fundamental segui-las/obedece-las para que os procedimentos de reprodução social da família se efetivem dentro das estratégias do grupo.

Afora essa questão da invenção e alargamento das relações sociais, as práticas agrícolas e de associativismo, muitas vezes cumprem também o papel importante de mantê-los confiantes uns nos outros. Sobretudo, em um lugar em que os donos de terra, inclusive aqueles que têm pequenas áreas, parecem nutrir o interesse em arrendar para os usineiros.

Saber como lidar com o cultivo da mandioca, aprender as técnicas e a maneira de fazer polvilho é tão quanto importante como saber fazer a distribuição das tarefas entre os camponeses. Assim, aqueles que detêm certo conhecimento sobre tais atividades têm se constituído em referências para a continuidade deste processo de parcerias.

Pouca parece também importar ao grupo onde entra o serviço dos homens e o serviço das mulheres na fabricação do polvilho. Vimos também que ao colherem as raízes da mandioca o camponês de imediato lançam as manivas ao solo. Agem aproveitando o solo removido na colheita e assim, economizam trabalho e tempo, agilizando a próxima safra. É costume deles, colher e plantar ao mesmo tempo.

Ao perguntar como o dono do mandiocal tem sua remuneração o camponês argumenta que:

Nois e muito certo com os negocio, sempre e 60% e 40%. Quando nois acaba de fazê o porvio, nois chama o dono de onde veio à mandioca ai nois ensaca tudo ai pesa, cada saco e de 18 quilo, ai nois conta quanto saco deu, por exemplo, se deu 100 sacos de porvio, nois fica com 60 saco e o dono com 40 saco....mais na maioria das veiz ele tira o de uso dele e dexa o resto pra nois vende e passa o dinheiro pra ele no final<sup>10</sup>.

Observa-se que a fabricação é a parte mais valorizada, devido à demanda de tempo e complexidade do processo. Como os consumidores são pessoas conhecidas dos camponeses, o comércio passa ser uma prerrogativa exclusiva deles.

Identifica-se na fala do camponês que as famílias retiram parte da produção para consumo próprio. Essa passagem ocorre devido ao fato do polvilho ser um dos principais ingredientes para fazer uma das quitandas preferidas daqueles agricultores, o pão de queijo. Assim fabricar polvilho, além de gerar renda e trabalho, serve para atender os gostos e prazeres gastronômicos do grupo.

<sup>10</sup> Entrevista obtida na comunidade Brilhante em 2015.

Além do polvilho, encontramos outros cultivos e artigos agropecuários artesanais em que o sistema de parceria constitui-se como um arranjo social importante. No lugar ele contribui para manter as pessoas na comunidade e a produção conquistada a partir do grupo, gerando renda e trabalho na comunidade.

Neste conjunto de artigos camponeses comparece a relevância da pecuária leiteira. O leite como matéria prima subsidia o fabrico do requeijão, do doce de leite e do queijo. Na comunidade a produção dos meios de vida esta associada à produção de fartura. Assim, mesmo produzindo para o mercado, os saberes e fazeres camponeses se apresentam e se mantêm em suas logicidades locais. Elas são representadas nos modos de vida. A resiliência comparece vinculada a cultura camponesa, que continua nutrida, fortalecida por esse sistema de parcerias e de trocas nutridas por acordos tácitos.

### **Considerações finais**

Buscamos nos instruir sobre o marco temporal, sujeitos sociais envolvidos, relações sociais estabelecidas, estratégias de existência territorial, costumes, hábitos e saberes. Analisamos os projetos de vida daqueles camponeses, analisando como agem e reagem em relação às tensões decorrentes da expansão das grandes lavouras de cana.

Nos trabalhos empíricos desenvolvidos na comunidade identificamos que as práticas, as habilidades e até os desejos que fazem parte do cotidiano por força da resiliência fez com que os camponeses não perdessem/descharacterizassem seu lugar.

No lugar analisamos a condição socioproductiva e territorial dos camponeses pensando nas mudanças socioespaciais e repercussões em suas práticas cotidianas as quais são recheadas de intencionalidades. Elas envolvem pessoas que vivem constantemente tensões de múltiplas ordens.

Na elaboração do nosso estudo, foi possível constatar empiricamente que a resiliência constitui em um importante conceito “de certa forma importado da psicologia para a geografia” em entender e conhecer a relação dos camponeses com as imposições decorrentes da reocupação do espaço a partir do avanço canavieiro ocorrido a partir do ano de 2000.

Com a possibilidade dos camponeses continuarem produzindo (fabricando ou cultivando) e de extrema importância para a comunidade, já que a comunidade basicamente tem sua economia pautada nesses pequenos cultivos de alimentos. Além desse fator, a

possibilidade das pessoas continuarem morando e tendo/tirando seu sustento em meio aos grandes canaviais e um ganho para todos.

Com isso, muitos deixaram de ir trabalhar na cidade e continuaram na comunidade. Fato esse que propicia a comunidade ainda prosseguir tendo uma escola em pleno funcionamento. A escola atende aluno do primeiro ao quinto ano do ensino fundamental.

Compreendemos que no lugar (r)existe em meio às mudanças socioterritoriais, as quais chegam em alta velocidade. Mudanças ocorridas decorrem basicamente da inserção das grandes lavouras de cana-de-açúcar. Nesse processo, o estudo da resiliência dos camponeses da comunidade Brilhante foi fundamental para analisarmos a continuidade da produção de alimentos e para a manutenção dos modos de vida.

### **Agradecimentos**

Agradecemos a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG), pelo apoio financeiro ao grupo de pesquisa do Laboratório de Geografia Cultural (LAGECULT) do Instituto de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia-MG, garantindo nossa participação no VIII Simpósio Internacional de Geografia Agrária e IX Simpósio Nacional de Geografia Agrária, em Curitiba PR entre os dias 01 e 05 de novembro de 2017.

### **Referências Bibliográficas**

ANDRADE, Anna Jéssica Pinto de. SOUZA, Cimone Rozendo de SILVA, Neusiene Medeiros da. A vulnerabilidade e a resiliência da agricultura familiar em regiões semiáridas: o caso do Seridó Potiguar. **CAMPO-TERRITÓRIO**: revista de geografia agrária, v. 8, n. 15, p. 1-30, fev., 2013.

ANGST, Rosana. Psicologia e Resiliência: Uma revisão de literatura. Revista **Psicol. Argum.** Curitiba, v. 27, n. 58, p. 253-260, jul./set. 2009

BARREIRA, D. D., NAKAMURA, A. P. Resiliência e a auto-eficácia percebida: Articulação entre conceitos. **Aletheia**, N 23. 2006, 75-80.

KOTLIARENCO, María Angélica. CÁCERES, Irma. FONTECILLA, Marcelo. **Estado de arte en resiliência**. Organización Panamericana de la Salud - Oficina Sanitaria Panamericana, Oficina Regional de la Organización Mundial de la Salud. Washington, 1997, OPAS/OMS. Disponível <[HTTPS://www.uai.com.ar/bienestar-universitario/aprendizaje-y-rvicio/estado%20de%20arte%20en%20resiliencia%20-%20Organizacion%20Panamericana%20de%20la%20](https://www.uai.com.ar/bienestar-universitario/aprendizaje-y-rvicio/estado%20de%20arte%20en%20resiliencia%20-%20Organizacion%20Panamericana%20de%20la%20)

Salud%20-%20Organizacion%20Mundial%20de%20la%20Salud. pdf>. Acesso em maio de 2017.

MACHADO, Ana Paula de Oliveira. Resiliência: Conceituação de discussão. In **Revista Vitú**. Universidade Federal de Juiz de Fora, 9ª edição 2009. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/virtu/edicoes-antiores/nona/>>. Acesso em maio de 2017.

MENDONÇA, Francisco. Riscos, vulnerabilidades e resiliência socioambientais urbanas: inovações na análise geográfica. **Revista da ANPEGE**, v. 7, n. 1, número especial, p. 111-118, out. 2011.

PAULINO, Eliane Tomiasi. PLOEG, Jan Douwe van der. Camponeses e impérios alimentares: lutas por autonomia e sustentabilidade na era da globalização. Trad. Rita Pereira. Porto Alegre: UFRGS, 2008. 372 p. **AGRÁRIA**, São Paulo, nº 9, pp. 85-95, 2008.

POLETTO, Michele; KOLLER, Sílvia Helena. Resiliência: uma perspectiva conceitual e histórica. In: AGLIO, Débora Dalbosco. Dell. KOLLER, Sílvia Helena.; YUNES, Maria Angela Mattar. **Resiliência e Psicologia Positiva: Interfaces do Risco à Proteção**. São Paulo: Casa do psicólogo, 2006. p.19-44.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993

SAQUET, M. A. **Abordagens e concepções de território**. Expressão popular, São Paulo, 2007.

SANTOS, MILTON. O dinheiro e o território. **Revista GEOgraphia**, ano 1, n. 1, 1999. Disponível em: <[http://www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia/article /view/2/2](http://www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia/article/view/2/2)>. Acesso em maio de 2017.

SANTOS, R. J. **Gaúchos e Mineiros do Cerrado: metamorfoses das diferentes temporalidades e lógicas sociais**. EDUFU, Uberlândia, 2008.

SANTOS, R. J. Pesquisa empírica e trabalho de campo: Algumas questões acerca do conhecimento geográfico. **Revista Sociedade & Natureza**, Uberlândia, jan/dez 1999, pag. 111-125.

SILVA, Maria Regina Santos. (2003). A construção de uma trajetória resiliente durante as primeiras etapas do desenvolvimento da criança: o papel da sensibilidade materna e do suporte social. **Tese de doutorado**, Programa de Pós-graduação em enfermagem, Universidade Federal de Santa Catarina